

Música Primeira Audição:

Sepultura e a arte de sobreviver

Sem nenhum Cavalera, banda grava CD
A-Lex, baseado em *Laranja Mecânica*

Marco Bezzi

A saga da maior banda de rock vinda do Terceiro Mundo poderia ter tido seu último capítulo em dezembro de 1996. Naquele mês, Max Cavalera deixava o Sepultura. Os três integrantes remanescentes teriam de tomar uma decisão: chutariam tudo para o alto ou se manteriam ativos mesmo sem o cabeça do time? O primeiro Cavalera a deixar a banda rumou com o Soulfly numa carreira-solo que, se não causou suspiros, o fez continuar a se apresentar em festivais americanos e europeus por seguidos verões. Enquanto isso, o que restou do Sepultura via de maneira íntima o boicote de sua ex-gravadora (a Roadrunner), as portas serem fechadas e o descrédito de parte de crítica e público que o haviam colocado no topo do heavy metal em meados dos anos 90.

A seqüência dessa história, de mais baixos que altos, prossegue agora com a primeira audição do novo álbum do Sepultura. Baseado no romance *Laranja Mecânica* (1962), de Anthony Burgess, *A-Lex* será o segundo álbum consecutivo do grupo a reproduzir uma obra literária — após *Dante XXI*, fundamentado na *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. E o primeiro sem nenhum dos irmãos Cavalera, fundadores do grupo em 1983. O ba-

terista Iggor se demitiu do posto em 2006, voltando a gravar com o irmão Max sob a alcunha de Cavalera Conspiracy.

A saída do último Cavalera deixou ainda mais em clima de urgência o estúdio em que o “novo” Sepultura recebeu a imprensa paulistana. “O Sepultura não morreu”, fala Andreas Kisser, guitarrista e atual porta-voz do quarteto, que tem ainda na sua escalação Paulo Xisto no baixo, Derrick Green no vocal e Jean Dolabella na bateria.

A idéia de apresentar um disco que só chegará às lojas e à internet na primeira semana de novembro, segundo Kisser, é para deixar claro às pessoas que, mesmo com a saída de Iggor Cavalera, o Sepultura continua. “Não mandamos ninguém embora. Ele (*Iggor*) saiu porque quis. Estamos jogando limpo”, justifica o guitarrista. Andreas, hoje, é quem dá a cara para bater. Enquanto as outras três partes preferem ficar em silêncio, Alemão (seu apelido) não deixa se intimidar por assunto algum.

“Não morremos só porque não estamos tocando no circuito europeu ou nos Estados Unidos. Mais uma vez, não somos escravos de circuito nenhum, o Sepultura é conhecido e querido no mundo todo”, aponta. Para sustentar sua afirmação, Andreas lembra de dois eventos



SOBREVIDA - O guitarrista Andreas Kisser (à esq.) é o porta-voz do grupo nos dias atuais: "Não morremos só porque o Igggor deixou a banda"

que fizeram a banda voltar à grande mídia nos últimos tempos: os shows na Índia e em Cuba. Entretanto, no Brasil, a realidade é dura. Os próximos shows do grupo ocorrem no Sesc de Araraquara e no bar Kazebre, na capital. A motivação

DISCO SÓ CHEGA ÀS LOJAS E À INTERNET NA PRIMEIRA SEMANA DE NOVEMBRO

tão necessária para tal empreitada vem naturalmente para o músico: "Eu amo o que faço, amo o Sepultura, amo tocar guitarra... independentemente do estilo. Já conheci muita gente

através da música, conheci muitos países. Quem escolheu sair, saiu", desabafa ele.

ORQUESTRA PARA KUBRICK

Encher uma hora de um CD com 18 músicas baseadas em uma obra conhecida poderia ser interpretado, no mínimo, como falta de idéia. Andreas, que completa 40 anos no dia 24, rebate: "Ficar falando de amor, ódio, satã, acaba deixando você prisioneiro dos mesmos assuntos, tudo tem a chance de virar um clichê. Deu para perceber que quando se foca em um tema, você se impõe um limite e fica muito mais criativo."

Assim como *Dante XXI*, *A-Lex* (do russo Sem Lei) será dividido em partes - desta vez serão quatro. Cada uma delas acompanha o desenvolvimento

do personagem Alex. Há a violência do início do livro gerando composições mais pesadas, as alucinações e o mergulho nas drogas e a redenção que usurpa Alex em sua parte final. A trilha sonora da adaptação de Stanley Kubrick para o cinema (de Wendy Carlos) ganhou atenção especial. Teclados e sintetizadores discorreram no estúdio de gravação e foram tocados pelo trilhheiro Eduardo Queiroz (de *Bellini e a Esfinge*).

Uma orquestra de 20 peças foi escalada para tocar o tema *Ludwig Van*. Fundi-la com o heavy metal dá vazão para outro assunto polêmico. "A *Nona* de Beethoven é um lance muito importante e ficou fantástica", exclama Andreas. Sua produção não assustou o músico, que tem como um de seus projetos

gravar músicas autorais para orquestra no ano que vem.

A primeira vez do Sepultura sem Igggor não poderia deixar de incluir o assunto Cavaleira Conspiracy. Kisser achou o projeto precipitado. "Eles jogaram pela janela uma chance de ouro. Achei uma coisa meio 'vamos pegar umas coisas do Soulfly aí e pôr o Igggor na batera', sabe?", critica Andreas Kisser.

O músico, que vai participar da turnê do Scorpions no Brasil em setembro, ainda tem tempo de filosofar: "Tenho uma família com três filhos para sustentar, mas não sou escravo do Sepultura. Você recria o dia-a-dia sempre. Hoje, gosto de me inspirar muito mais em literatura do que num Metallica, por exemplo. Quando você vive o presente, o futuro está garantido." ●